

Escritas de si e historiografia: a emergência de novas escritas corporais

Sabrina Rafael Bezerra

PIVIC/UEPB

Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

Este artigo se propõe como um exercício de compreensão histórica de um novo gênero historiográfico, a ego-história, resultado de um debate ainda não finalizado sobre o ofício do historiador e a relação que este estabelece na sua prática escriturística entre a objetividade e a subjetividade de suas práticas.

Segundo Pierre Nora, a ego-história seria uma “tentativa de laboratório”, em que os “historiadores procuram ser historiadores deles próprios”. Produzido na década de 80, a obra “Ensaio sobre ego-história” se anuncia como o marco de uma “nova idade da consciência histórica”, inaugurando um campo de debate que postula a presença do corpo do historiador na composição das obras históricas. Nesse sentido, a ego-história atuaria também como um lugar em que se dá a emergência e a problematização de novas escritas corporais.

Ainda em fase preliminar, essa nossa incursão no gênero da ego-história procura mapear algumas das principais problematizações presentes na composição dos textos de ego-história, estabelecendo uma relação com as escritas de si.

Para isso, utilizamos a reflexão de Pierre Nora, que na organização de uma das obras marcos dessa problemática, postulou:

Nem autobiografia falsamente literária, nem confissões inultamente íntimas, nem profissão de fé abstracta, nem tentativas de psicanálise selvagem. O exercício consiste em esclarecer a sua própria história como se se fizesse a história de um outro, em tentar aplicar a si próprio, cada um no seu estilo e com os métodos que lhe são caros, o olhar frio, englobante, explicativo que tantas vezes se aplicou sobre outros. De explicitar, como historiador, o elo entre história que se fez e a história que vos fez (NORA, s.d.).

Um dos nossos questionamentos diz respeito ao estabelecimento históricos dos debates historiográficos que tornaram possível a experiência literária da ego-história, considerando a diversidade de publicações sobre a temática, bem como a forma como os historiadores brasileiros se apropriam desse novo gênero historiográfico para pontuar a dimensão subjetiva do labor histórico.

Os historiadores, enquanto cartógrafos de si mesmos, fabricam um marco na produção historiográfica, pois as escritas de si acoplados ao exercício de compreensão histórica própria do labor histórico, demarcam uma nova discursividade teórico-metodológico.

Muito mais do que a emergência de um novo estilo narrativo, a ego-história nos possibilita pensar e produzir novos paradigmas para a consciência da relação entre os tempos, bem como a

relação entre o indivíduo e o coletivo social – imprescindíveis para o exercício da produção histórica. Inagura, principalmente, um novo espaço de visibilidade sobre a corporeidade do historiador nas escritas da história, pois: “[...] o historiador dos tempos de hoje está pronto, ao contrário dos seus antecessores, a confessar a relação estreita, íntima e pessoal que mantém com o seu trabalho” (NORA, 1989).

São esses momentos de “confissão” os que singularizam o texto do historiador, pois desnaturaliza e dessencializa a história como sinônimo de passado, pois, ao contrário, como nos ensina Michel de Certeau, toda prática de escritura da história é uma práxis social, que está articulada com um lugar social de produção, com um grupo (uma tribo) de historiadores e sua relação com a escrita.

Nesse sentido, propor historicizar a emergência desse novo gênero historiográfico, se faz necessário considerar a sua diversidade espaço-temporal, bem como os debates que a motivaram.

Michel Foucault, em crítica a uma concepção tradicional de história, afirma que os historiadores procuram, na medida do possível, apagar aquilo que, na sua escrita, pode revelar o incontrolável de sua paixão. Essa história, ainda muito marcada pelo signo da objetividade, mobilizada por uma leitura galileana do saber, teria como ordenamento a exclusão da subjetividade. Em contraposição a essa perspectiva historiográfica, postula que a história deve fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam (1999).

Confluindo com esse posicionamento epistemológico, muitos historiadores já postularam a subjetividade das suas operações historiográficas, demarcando a pluralidade e a historicidade de seus ofícios e de suas artes. Ainda que a escrita historiográfica não possa reivindicar um eu próprio da escrita, visto que o autor é ele mesmo composto de multiplicidades, ou como diria Michel de Certeau (2002), um “nós autorizado”, assim mesmo, podemos entrever os estados de paixão que mobilizam os artesãos da memória histórica

Nesse sentido, a escrita historiográfica pode ser também problematizada enquanto uma escrita de si, enquanto um lugar onde se revela/confessa os incontroláveis da paixão, ainda que essa escrita nem recaia na “ilusão biográfica”, postulada e denunciada por Bourdier (2000), que investe num eu coerente e contínuo. Haveria um duplo movimento na relação entre a escrita historiográfica e a escrita de si: o texto enquanto representação do seu autor (desejo de identidade) e o autor como invenção do próprio texto.

Esse duplo da escrita é uma das marcas da produção historiográfica que elegeu como temática a produção de uma memória sobre a experiência histórica dos historiadores, pensado enquanto um profissional e um sujeito da história. Apesar desse empreendimento historiográfico ser recente, contando com pouco mais de quatro décadas, ele já é bem expressivo, concomitante ao próprio debate sobre a subjetividade dos textos e as ressignificações da chamada ciência humana.

Uma das justificativas dessa produção é a ausência de um exercício historiográfico que contemple a inserção do pesquisador na própria produção do conhecimento, compreendendo, assim, a necessidade de preenchimento de um vazio simbólico e da necessidade da implosão de um silenciamento do discurso.

Essa dinâmica discursiva que investe sobre um vazio da linguagem e um silenciamento, acaba por questionar a soberania de uma história oficial objetiva que marginalizou a subjetividade do saber histórico, assim como produziu historicamente uma definição de ciência histórica pautada na neutralidade e na ausência de um procedimento hermenêutico (GADAMER, 1998) despojado de história. É no sentido desse preenchimento historiográfico, que muitas das ego-histórias postulam o direito de ser e de estar na história.

Não se trata, contudo, de tornar essas narrativas soberanas em detrimento de uma historiografia oficial, mas de entendê-las na sua própria historicidade, pois esse empreendimento historiográfico não está desvinculado de uma prática reflexiva, própria de nossa contemporaneidade (GIDDENS, 2002).

Portanto, essa produção da escrita não é mobilizada por uma reflexão teórica destituída de um sentido de vida ou de um incontrolável da paixão, pois essa prática do saber é, antes de tudo, auto-reflexiva, tornando visível o duplo da narrativa.

Essas seriam algumas das problematizações que mobilizam meu atual campo de pesquisa, que informam minhas inquietações de historiadora, inspiradas na dimensão sensível do ofício:

Sim, há realmente, todos estes exemplos o atestam, dois tipos de reflexo, dois tipos de modo de acordar para sensibilidade histórica: um crítico, reactivo, distanciado, atento aos afastamentos e medindo os contrastes; o outro feito de apego, feitiço, e de aprofundamento. Uns história da filiação e da identificação; uma história das distância. Uma história do próprio, e uma história do outro (NORA, 1989).

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: EDUSC, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs.). **Passados recompostos**. Cantos e canteiros da história. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1998.
- CERTEAU, M de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand; Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.
- CHAUVENAU, Agnès e TÉTARD, Philippe (orgs.). **Questões para uma história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DUBY, Georges e LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a nova história**. Lisboa: Anais, s. d.
- DUBY, Georges. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GADAMER, H. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso e fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GROS, Frédéric (org.). **Foucault**. A coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos – o breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, J. e NORA, P. (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.
- NORA, P. **Ensaio de ego-história**. Lisboa: Edições 70, s.d.
- NOVAES, Aduauto (org.) **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PESAVENTO, Sandra e LEENHARDT, Jacques (orgs.) **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.
- REIS, José Carlos. **A história, entre a filosofia e a ciência**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 35.
- SAID, Edward. **Cultura e política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura – o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Rio de Janeiro: Record, 2007.